

Líbano Joumana Haddad é poetisa e directora de uma publicação erótica em árabe

Jasad, uma revista libanesa para quebrar tabus

Inédito numa região onde o conservadorismo está a ganhar terreno, o projecto de Haddad tem sido alvo de intensa polémica

Ana Fonseca Pereira

● Uma revista que fala do corpo numa região onde a modéstia aconselha as mulheres a cobrir a cabeça, pés e até as mãos. Uma publicação erótica em árabe, a língua do Corão, chefiada por uma mulher, jornalista e poetisa. A mistura é explosiva, mas Joumana Haddad garante que a *Jasad*, publicada no Líbano desde Dezembro, não nasceu para gerar polémica, mas para libertar a “língua e a cultura árabes das muitas frustrações” e tabus impostos pela crescente influência da religião na sociedade.

Os dois números da revista trimestral já publicados fizeram jus às ambições de Haddad, primeira responsável por uma publicação inédita no Médio Oriente, na qual colaboram escritores egípcios, sauditas, libaneses, palestinianos e sírios. Na primeira edição, a *Jasad* (Corpo, em árabe) falou de homossexualidade e fetichismo. Em Março, dedicou dossiers especiais ao pénis e à violência conjugal.

Publicada numa luxuosa edição em papel *couché* com quase 200 páginas, a revista junta aos temas de fundo artigos sobre arte, literatura, cinema e rubricas fixas como a “Esquina voyer” ou “A minha primeira vez”, em que uma personalidade convidada recorda a sua primeira experiência sexual. E a audácia não se fica pela escrita. As capas das duas primeiras edições deixavam adivinhar corpos nus e os artigos são ilustrados com reproduções de obras de arte, fotografias e ilustrações eróticas.

Não estranha, por isso, a polémica que acompanha a revista desde o seu nascimento, quer no Líbano, quer nos vários países da região onde é vendida por assinatura. Desde que foi lançado, o *site* da *Jasad* foi atacado 15 vezes por *hackers*, que deixaram nos servidores a mensagem “Não há outro deus senão Deus”. Ainda antes de sair para as bancas, membros do Hezbollah, o poderoso movimento xiita libanês, tentaram destruir o stand da revista na feira do livro de Beirute e um outro visitante arrancou um *poster* que considerou *haram* (proibido).

Também as organizações feministas se indignaram com uma publicação que dizem ser pornográfica e “contrária, aos valores morais” da sociedade libanesa. “Esta revis-

ta, a coberto de ser uma publicação cultural, promove os instintos sexuais”, disse à AFP Amane Chaarani, presidente do Conselho Libanês das Mulheres, adiantando que o grupo pediu a intervenção das autoridades religiosas (cristãs e muçulmanas) a favor da proibição da *Jasad*.

Mais do que sexo

Em entrevista por telefone ao PÚBLICO, Joumana Haddad defende-se, sublinhando que a revista não aborda apenas questões sexuais e “fala do corpo em todas as suas dimensões e representações” na sociedade, na cultura. Mas deixa claro que não aceita que lhe imponham limites: “As pessoas dizem que eu deveria ter começado por assuntos mais apropriados, menos controversos, mas isso seria um insulto para os meus leitores, seria tratá-los como crianças.”

A jornalista de 38 anos, que é também editora cultural do *An-Nahar*, o principal diário libanês, garante que “não há qualquer provocação gratuita” ou conteúdo pornográfico na revista, reservada a adultos e vendida dentro de um saco de plástico.

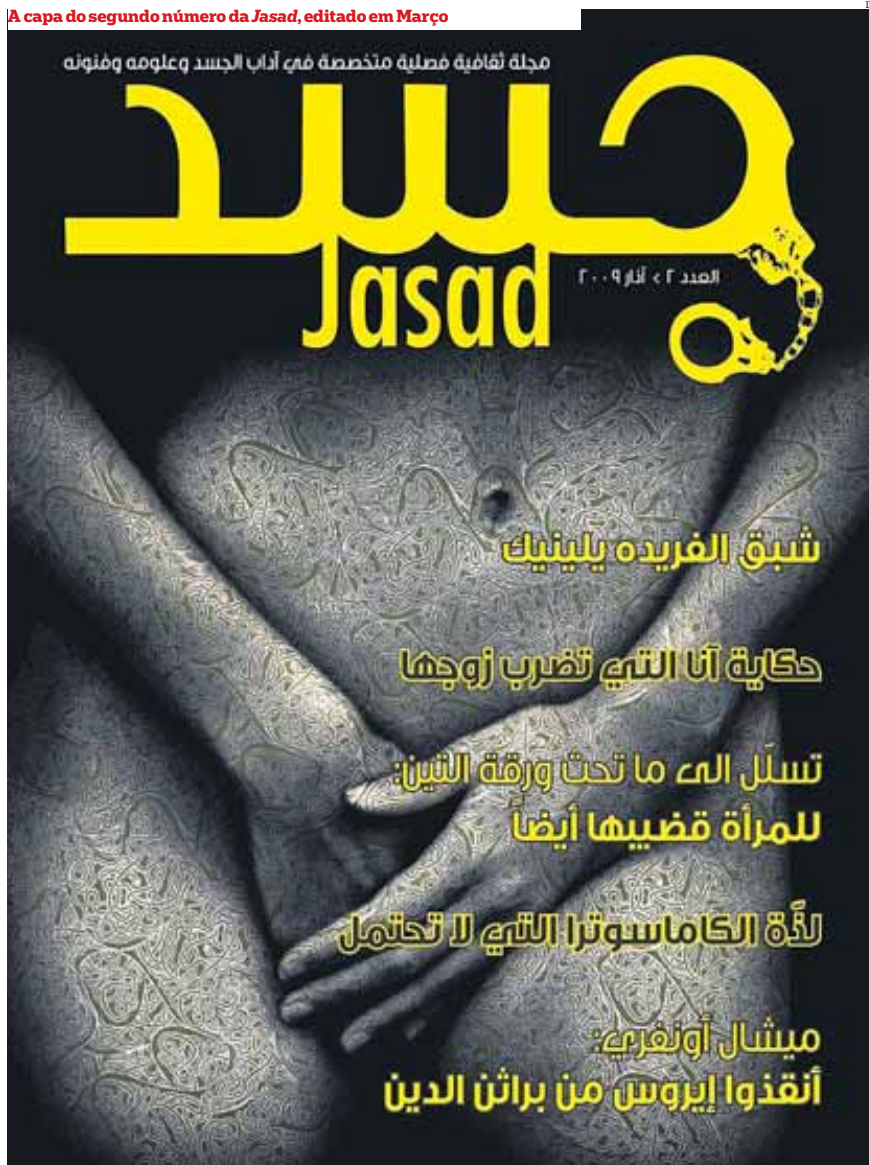
Haddad explica que o corpo - “a quinta-essência da cultura árabe” - é uma presença forte na sua poesia e que a *Jasad* nasceu da vontade de lançar uma revista cultural que “trouxesse algo de novo, fosse lida e representasse uma libertação da língua árabe das muitas frustrações” a que tem estado sujeita. “É muito injusto que tenhamos chegado a um ponto na nossa língua e na nossa cultura em que há tantos tabus”, lamenta a poetisa, lembrando que estes temas proibidos “não existiam há centenas de anos” quando foram escritos os clássicos do erotismo *As Mil e uma Noites* ou *O Jardim Perfumado*.

Por causa da “influência da religião na vida diária” agora “até a palavra ‘seios’ dita em árabe pode ser chocante nalguns círculos”, acrescentou ao *The Guardian*. Num sinal dos tabus que quer quebrar, no logótipo da revista, a primeira letra de *Jasad* surge na forma de uma alga aberta.

Só possível neste país

Haddad está consciente que o projecto só poderia ter sido concretizado no Líbano, onde apesar da grave crise política “os *media* são muito mais livres do que em qualquer outro país da região”, segundo o último relato-

A capa do segundo número da *Jasad*, editado em Março



Um futuro ainda incerto

Joumana Haddad não esconde que tem muitas ambições para a nova revista, a mais imediata das quais passa por garantir a sua viabilidade económica. Única financiadora do projecto - depois de afastar um investidor inicial que pretendia interferir nos conteúdos editoriais -, Haddad diz que “as vendas têm sido tão boas que estão a pagar os custos de impressão”, mas a revista está longe de ser auto-sustentável.

Com um preço de 15 mil libras libanesas (76 euros), a revista não está ao alcance da maioria dos consumidores. Ainda assim, a directora diz-se surpreendida pela rapidez com que os primeiros exemplares foram escoados. Mas as receitas de publicidade ficaram aquém das expectativas porque, diz, “os anunciantes têm medo de perder mercado em países como a Arábia Saudita ou os Emirados Árabes Unidos”, onde a revista é



vendida por assinatura.

Haddad quer também encontrar um espaço físico para a *Jasad*, que sirva em simultâneo como biblioteca - “tenho tantos livros fantásticos que gostaria de partilhar” -, galeria de arte e espaço para a realização de encontros e debates.

rio dos Repórteres Sem Fronteiras.

Até ao momento, nenhuma das queixas apresentadas contra a revista teve consequências, algo que a jornalista atribui ao facto de os ministros responsáveis pelas licenças de publicação (Interior e Informação) serem “dois intelectuais que realmente acreditam na liberdade de expressão”.

Isto não impede os insultos que constantemente lhe chegam por *e-mail* e Haddad diz-se também desiludida com a falta de apoio de intelectuais e colegas de profissão. “Mas ao mesmo tempo, recebo cartas fantásticas de pessoas em todo o mundo. Dizem-me para ser perseverante e isso dá-me energia suficiente para continuar.”

E apesar do desinteresse dos anunciantes, as vendas dos dois primeiros números ficaram acima do esperado no Líbano - a edição de Dezembro vendeu três mil exemplares em 11 dias; em Março as vendas subiram para quatro mil - e os assinantes no estrangeiro chegam já aos 400, a grande maioria na Arábia Saudita. Números que para a directora “promovem que a *Jasad* é necessária na sociedade” árabe.



Andreas Notter, funcionário da Cruz Vermelha Suíça de 37 anos, foi libertado pelos rebeldes muçulmanos das Filipinas que o tinham como refém há mais de três anos. "Saí e estou feliz por estar vivo e seguro", disse Notter numa conferência de imprensa na ilha de Jolo.

Apasionada pelo seu projecto, Haddad não se sente intimidada

Nascida numa família cristã, poetisa desde adolescência e jornalista num dos principais diários libaneses, tornou-se no centro das atenções com a *Jasad*. **Como reage às ameaças que tem recebido?**

Quando comecei a falar deste projecto, há dois anos, à minha família e aos meus amigos, toda a gente me disse que eu era louca. Porque tudo nesta região em que vivemos vai na direcção do fanatismo de mais tabus e esta revista representa a antítese de tudo isto. Mas, se estamos convencidos do que estamos a fazer, temos de seguir em frente. Não estava à espera de unanimidade, já contava com muitas reacções negativas, por isso, não posso dizer que esteja surpreendida. Sei que todos os dias, quando abro o meu e-mail, de manhã sei que vou ver insultos, algumas ameaças. Muita gente me pergunta se tenho medo, mas não estou nada assustada. Não sou uma pessoa corajosa, mas sou muito teimosa. Quando estou convencida ou apaixonada por algo, faço o meu melhor para conseguir o que quero. Pode ser surpreendente, mas não me sinto intimidada por estes insultos. Sei que existem pessoas suficientemente doidas neste mundo e podemos esperar tudo. Estou a tomar algumas precauções, mas não quero mudar a minha vida. Têm sido só palavras. Não quero viver sob o peso do medo e espero que as pessoas acabem por aceitar e respeitar o facto de que esta revista tem o direito de existir. Se não a querem ler, não a comprem, não nos podem negar o direito de existir.

Como conseguiu convencer escritores a colaborar?

Não foi fácil, especialmente para o número de Dezembro, porque não havia nada antes para lhes mostrar. Mas depois do sucesso do primeiro número, mais pessoas vieram ter comigo a dizer-me que queriam contribuir. Também não foi fácil [conseguir contributos], porque não aceito pseudónimos, insisto para que os autores usem sempre os nomes verdadeiros. Quando queremos fazer a diferença, temos de ser responsáveis por aquilo que dizemos. É também muito mais difícil convencer as mulheres, mas tenho também várias mulheres a participar.

O que pensa do interesse da imprensa ocidental?

Penso que é lógico que o Ocidente preste atenção, embora tenha havido muito interesse na dimensão erótica da revista e às vezes as pessoas tendem a esquecer que, apesar de ela ser muito importante e de eu insistir nela, não é a única de que estamos a falar. (...) Também agradeço toda esta atenção porque me ajuda a sentir protegida. **A.F.P.**

Preso em França chefe dos comandos da ETA

Nuno Ribeiro, Madrid

Martitegi, de 28 anos, era desde Dezembro o principal dirigente militar da organização basca. Antes treinara jovens recrutas. Estava em fuga desde 2006

● Jurden Martitegi, apontado como o actual chefe dos comandos da ETA, foi ontem preso na zona de Perpignan, em França, numa operação conjunta das polícias francesa e espanhola. Juntamente com Martitegi foram também detidos outros três etarras. Horas depois, realizavam-se as três primeiras detenções em Espanha.

Jurden Martitegi, de 28 anos, estava em fuga desde 2006 por actividades relacionadas com a denominada "kale borroka", a violência urbana.

Em Outubro de 2008 foi localizado como treinador militar de jovens recém-entrados na organização ter-

rorista. No entanto, foi só depois das detenções de Mikel Garikoitz Azpiazu, *Txeroki*, em Novembro de 2008, e, um mês depois, de Aitzoi Ionondo, conhecido como *Gurkeitz*, que Martitegi passou a liderar a estrutura de comandos da ETA.

A prisão de Jurden Martitegi em França segue-se a outras duas detenções naquele país realizadas ao longo da última semana. Na quarta-feira, em Mezières-en-Brenne, localidade do centro de França, foi detida Itxaso Legorburu, e há precisamente uma semana, na zona de Paris, já tinha sido preso Ekaitz Sirvent Auzmendi. Este último é apontado como o "número dois" do aparelho logístico etarra, responsável das falsificações de documentos. É ainda membro do Comité Executivo da organização basca.

Quer Martitegi como os outros três detidos estavam na posse de armas. Todos seguiram num veículo interceptado pelos agentes policiais.

Esta operação, coordenada pelo juiz Baltasar Garzón, da Audiência



Jurden Martitegi tem 28 anos

Nacional, continua aberta, e admitem-se ontem à noite que fossem realizadas ainda mais detenções, sobretudo em território espanhol.

Polícia e procuradoria

Em Torres, a sua terra natal nos arredores de Jaén, em Andaluzia, onde assistia a uma homenagem, o magistrado Baltasar Garzón congratulou-se com a detenção de Jurden Martitegi.

Esta acção da Polícia Nacional de Espanha, em colaboração com os serviços antiterroristas franceses, surgiu dois dias após o Fiscal Geral do Estado espanhol, equivalente ao Procurador Geral da República, em Portugal, ter criticado a falta de colaboração da polícia espanhola na investigação das listas de partidos afins à ETA que tentaram participar nas eleições bascas de 1 de Março.

Apesar do magistrado Conde Pumpido ter rectificado as suas declarações, os sindicatos da polícia já anunciaram que o vão processar por difamação.

Fragata holandesa conseguiu libertar 20 pescadores iemenitas que estavam em poder de sete piratas somalis

Jorge Heitor

● Comandos holandeses libertaram ontem 20 reféns iemenitas que estavam em poder dos piratas somalis e desarmaram sete piratas que os tinham obrigado a tripular um "navio-mãe" a partir do qual andavam a atacar as embarcações de passagem pelo Golfo de Áden.

Mas depois de identificarem os piratas, os militares holandeses "tiveram que os libertar", de acordo com o Direito vigente na Holanda, explicou ao PÚBLICO por telefone o porta-voz da força da NATO destacada na região, comandante Alexandre Santos Fernandes.

Quase em simultâneo, outros piratas da Somália apoderaram-se do cargueiro belga *Pompei* e dos seus 10 tripulantes, incluindo sete europeus, 370 milhas ao largo da costa somali e ligeiramente a norte das ilhas Seychelles. Ou seja, a 1300 milhas náuticas

(quase 2500 quilómetros) do Golfo de Áden, numa das acções de curso mais distanciadas do continente africano que até hoje se verificaram.

Contactado perto das 17h30 locais (15h30 em Lisboa) para bordo da fragata portuguesa *Corte Real*, o comandante Fernandes contou que os 20 pescadores iemenitas foram libertados depois de uma fragata holandesa ao serviço da NATO, a *De Zeven Provinciën*, ter respondido a um assalto que estava a ser feito ao petroleiro grego MT *Handytankers* Magic por piratas que disparavam armas automáticas e granadas de foguete.

A NATO não prende

"Os piratas não resistiram e tiveram de ser libertados porque a NATO não tem uma política de detenção. Tudo depende da lei de cada país. Aqueles homens só teriam ficado detidos se fossem holandeses, as suas vítimas o fossem ou tudo se tivesse passado em

águas holandesas", explicou o oficial português.

Mais tarde, foram encontradas a bordo uma granada por explodir, um lança-*rockets* e Kalashnikovs.

Apesar de pertencer a armadores gregos, este petroleiro tem bandeira das Ilhas Marshall, um minúsculo país da Micronésia, em pleno Pacífico.

Quanto ao barco belga desviado a

caminho das Seychelles, já no Hemisfério Sul, uma fonte dos piratas disse à agência Reuters, por telefone de satélite, que ele iria agora ser encaminhado para Haradheere, um dos numerosos portos somalis que servem de base a este tipo de actividades.

Na sexta-feira, cinco homens armados que viajavam numa barçaça tinham-se aproximado do cargueiro dinamarquês *MV Puma*, no mesmo Golfo de Áden, levando a que navios de guerra dos Estados Unidos e da Coreia do Sul tivessem enviado aviões para o local.

Os piratas têm capturado nos últimos meses dezenas de navios, feito centenas de prisioneiros e conseguido arrecadar milhões de dólares em resgates. E isto apesar de mais de duas dezenas de vasos de guerra de numerosos países se encontrarem presentemente destacados em toda a área que liga o Oceano Índico ao Mar Vermelho.

Ataques em 2008

200%

foi o aumento dos ataques dos piratas somalis que actuem no Golfo de Áden e no Índico em 2008, quando foram atacados 130 navios comerciais

27 mortos Atentado suicida no Paquistão

● Um atentado suicida com um carro armadilhado matou 27 pessoas em Kohat, no ocidente do Paquistão. Segundo as autoridades, 25 vítimas são militares e polícias, as outras duas são civis. Feridas ficaram ainda 65 pessoas, muitas em estado grave. Os taliban paquistaneses, uma ameaça crescente para a estabilidade do Paquistão, uma potência nuclear, reclamaram a autoria do atentado. "O bombista conduzia uma carrinha de caixa aberta com a qual se lançou contra uma coluna ao passar um posto de controlo", disse à Reuters Fareed Khan.

Burundi Chefe da rebelião baixa armas

● O chefe da rebelião das Forças Nacionais de Libertação burundesas, Agathon Rwaso, anunciou ontem ter renunciado à luta armada durante uma cerimónia simbólica de "desmobilização". Rwaso anunciou que a FNL vai agora "consagrar-se à luta política". Eleições presidenciais e legislativas estão previstas para 2010 no Burundi, país que desde 2006 tenta sair de uma guerra civil que opôs durante 13 anos o Exército, dominado então pela minoria tutsi, a vários movimentos rebeldes hutus. Pelo menos 300 mil pessoas morreram

G20 Novo inquérito sobre conduta policial

● Foi aberto um terceiro inquérito à conduta da polícia britânica durante as manifestações anti-G20. Depois de dois agentes terem sido já interrogados - um deles por suspeitas de homicídio involuntário -, um novo incidente foi comunicado à Comissão Independente de Queixas Policiais. Trata-se também de um caso em que um polícia terá feito um uso excessivo da força durante as manifestações na capital britânica. O novo inquérito diz respeito a um homem com 20 anos que afirma ter sido atingido na cabeça e atirado para o chão pela polícia.

Cleópatra Túmulo procurado em três locais

● Os arqueólogos em busca do túmulo de Marco António e de Cleópatra acreditam estar no bom caminho. Uma equipa dirigida pelo egípcio Zahi Hawass e pela egíptóloga dominicana Kathleen Martínez, trabalha em redor de três localizações possíveis há três anos e para a semana vai começar as escavações. Estes arqueólogos já encontraram moedas com a efigie da rainha do Antigo Egipto e peças em bronze com o seu perfil. Zahi Hawass diz estar entusiasmado e antecipa que esta será "a mais importante descoberta do século XXI".